

**A HISTÓRIA
DO
CRISTIANISMO
COMENTADA**

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não tem a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTORIZAÇÃO

O livro pode ser reproduzido e distribuído por quaisquer meios, usado e traduzido por qualquer entidade religiosa, educacional ou cultural sem prévia autorização do autor. Todos os meus livros são de domínio público.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é

Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo Senac de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

História do Cristianismo comentada por Escriba de Cristo

Dados Internacionais da Catalogação na
Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo, 1969 –
História do Cristianismo Comentada
Itabaiana/SE Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 623 p. ; 21 cm*

ISBN: 9781081226206

1. História 2. Cristianismo 3. Igreja 4 . Igreja Católica
Romana 5 – Eclesiologia Título

CDD 270

CDU 27

**CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL
-CGC 66.504.093/0001-08**

Índice

1. Primeiro século da Era Cristã
2. Segundo século da Era Cristã
3. Quinta e sexta perseguições gerais
4. Sétima e oitava perseguições gerais
5. Nona e décima perseguições gerais
6. Quarto século da Era Cristã
7. Período semelhante à Pérgamo
8. Período semelhante à Tiatira
9. Nestorianos, paulícios e maometanos
10. Idolatria romana e o poder papal
11. Período mais tenebroso da Idade Média
12. Depois do ano do terror
13. Primeira cruzada
14. Da segunda à quarta cruzada
15. Da quinta à oitava cruzada
16. Perseguição na Europa e a Inquisição
17. Influência papal sobre a Reforma
18. O princípio da Reforma

19. Os reformadores antes da Reforma
20. Lutero e a reforma alemã
21. Zwínglio e a reforma suíça
22. Zelo de Lutero na Reforma
23. O formalismo depois da Reforma
24. Período semelhante a Sardo
25. Reforma na França e Suíça francesa
26. Reforma na Itália e outros países europeus
27. Reforma inglesa, no reinado de Henrique VIII
28. Auxílios e obstáculos à reforma inglesa
29. Reforma nos reinados de Eduardo VI, Maria e Isabel
30. História da Igreja desde a Reforma

INTRODUÇÃO

O texto básico que uso para fazer meus comentários pertencem aos servos de Deus A. Knight e Willian Anglin, dois missionários que dedicaram suas vidas a causa do Evangelho.

WILLIAM ANGLIN



William Anglin nasceu no dia 21 de outubro de 1882, na Inglaterra. Morava em Stockton-on-Tees, cidade industrial, onde foi um bem sucedido diretor de uma siderúrgica e muito abençoado em sua vida material, de tal maneira que, ao alcançar os quarenta anos, se encontrava financeiramente independente, podendo passar o resto de sua vida em conforto.

Foi nesta ocasião que ele ouviu a chamada de Deus para o seu serviço, que veio por meio de um trecho da Palavra de Deus lido em uma reunião de oração. Eis as palavras: *"É para vós tempo de habitardes nas vossas casas estucadas, e esta casa há de ficar deserta? (Ageu 1.4).*

Era membro na Igreja em Stockton-on-Tees, e lá, foi superintendente de duas Escolas Dominicais, que funcionavam em horas diferentes. Dirigia diversos trabalhos entre crianças e uma classe para moços durante a semana.

Em 1920 foi recomendado para a obra missionária, e em maio de 1926 chega ao Brasil tornando-se companheiro de evangelização do Missionário Stuart Edmund McNair, juntamente com os também missionários Albert Henry Storrie, William John Goldsmith, atuando por toda a região da Zona da Mata, região limítrofe entre os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Sr. Anglin evangelizou a região percorrendo lugares muitas vezes com difícil acesso, e muitas vezes montado no burro chamado Figurão.

Em 1931, em Carangola-MG, comprou terras de um senhor chamado Piragibe, aumentando o terreno que fora inicialmente de Mc Nair e depois de Albert Storrie. Esse sítio ficou sendo a sede da associação cristã, e depois, construiu uma casa onde passou a residir seu sucessor, William Arthur Wood, e posteriormente, em 1967, o casal Jones e a missionária Phyllis M. Dunning (Tia Phyllis) até a sua partida em 2013.

William Anglin continuou e manteve o trabalho de alfabetização de crianças, atuando também como professor. Nas férias escolares costumava levar as crianças para a praia de Marataízes-ES.



Ajudou os irmãos missionários Kenneth Jones e William Arthur Wood no aprendizado da língua portuguesa e adaptação no Brasil.



Antiga Escola em Conceição do Carangola-MG

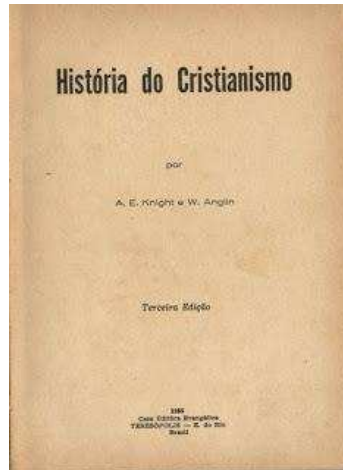
Despontou também como hinólogo, participando no hinário “Hinos e Cânticos” como autor, tradutor e adaptador de 63 hinos e cânticos, dentre eles, de sua autoria: “Vinde Já” (HC 103); “Seu Infinito Amor” (HC 509); e “Graças Damos” (HC 764). *(Vide abaixo relação completa)*

Publicou, adaptando e ampliando a terceira edição do livro “História do Cristianismo”, de A.E.Knight, pela Casa Editora Evangélica de Teresópolis. (Hoje, publicado pela CPAD).

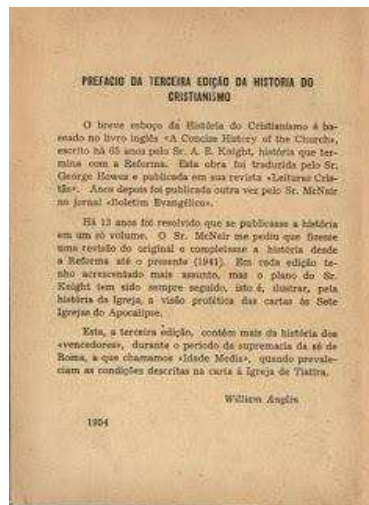
Após um problema de saúde, em 1959, volta à Inglaterra para tratamento. Com muitas lágrimas deixa o

História do Cristianismo comentada por Escriba de Cristo

Brasil dizendo: "*O Brasil é a minha Pátria!*". William Anglin partiu para o Senhor em 1965.



Livro "História do Cristianismo" publicado pela Casa Editora em Teresópolis-RJ



Prefácio da terceira edição

História do Cristianismo comentada por Escriba de Cristo

HISTÓRIA DO CRISTIANISMO

1 - Primeiro século da Era cristã

A história da Igreja de Deus tem sido sempre, desde a era apostólica até o presente, a história da graça divina no meio dos erros dos homens. Muitas vezes se tem dito isso, e qualquer pessoa que examine essa história com atenção não pode deixar de se convencer que assim é.

Lendo as Epístolas do Novo Testamento vemos que mesmo nos tempos apostólicos o erro se manifestou, e que a inimizade, as contendas, as iras, as brigas e as discórdias, com outros males, tinham apagado o amor no coração de muitos crentes verdadeiros.

Deixaram as suas primeiras obras e o seu primeiro amor e alguns que tinham principiado pelo espírito, procuravam depois ser aperfeiçoados pela carne.

Mas havia muito mais do que isso. Não somente existiam alguns verdadeiros crentes em cujas vidas se viam muitas irregularidades, e que procuravam, pelas suas palavras, atrair discípulos a si, como também havia outros que não eram de modo algum cristãos, mas que entraram despercebidamente entre os irmãos, semeando

ali a discórdia. Isto descreve o estado de coisas a que se referem os primeiros versículos do capítulo dois de Apocalipse, na carta escrita ao anjo da igreja em Éfeso.

TEMPOS DE PERSEGUIÇÃO

Porém estava para chegar um tempo de perseguição para a Igreja, e isso foi permitido pelo Senhor, na sua graça, a fim de que se pudessem distinguir os fiéis.

Esta perseguição, instigada pelo imperador romano Nero, foi a primeira das dez perseguições gerais que continuaram, quase sem interrupção, durante três séculos.

"Por que razão permite Deus que o seu povo amado sofra assim?" Muitas vezes se tem feito esta pergunta, e a resposta é simples: é porque Ele ama esse povo. Podia haver, e sem dúvida há, outras razões, porém a principal é esta - Ele o ama. "Porque o Senhor corrige o que ama" e se o coração se desviar, tornar-se-á necessária a disciplina.

Com que facilidade o mal se liga, mesmo ao melhor dos homens! Mas, na fornalha da aflição, a escória separa-se do metal precioso, sendo aquela consumida. Ainda mais, quando suportamos a correção de Deus, Ele nos trata como filhos; e se sofremos com paciência, cada provocação pela qual Ele nos faz passar dará em resultado mais uma bênção para a nossa alma. Tal experiência não nos é agradável, nem seria uma provocação se o fosse, porém, à noite de tristeza sucede a manhã de alegria, e dizemos com o salmista Davi: "Foi bom para mim, ter sofrido aflição".

PORQUE E QUE DEUS PERMITE A PERSEGUIÇÃO

Mas Deus permite, algumas vezes, que a malvadez leve o homem muito longe em perseguir os cristãos, a fim de ficar manifestado o que está no seu coração, e por isso não é de estranhar que na alma do cristão que não tem apreciado esta verdade se levantem dúvidas e dificuldades, e que comece a queixar-se de o caminho ser custoso, e da mão do opressor ser pesada sobre ele. 8

O Senhor, porém não nos deixa na Terra para nós nos queixarmos das dificuldades, nem para recuarmos diante da ira dos homens: temos de servir ao Mestre e resistir ao inimigo, porém é somente quando estamos fortalecidos no Senhor e na força do seu poder que podemos prestar esse serviço, ou resistir efetivamente a esse inimigo.

Esta história pretende indicar quão dignamente se fez isto nos tempos passados, porém se quisermos compreender a maneira como Deus tem tratado o seu povo, sempre nos devemos lembrar de que a milícia cristã é diferente de qualquer outra, e que uma parte da sua resistência é o sofrer.

As armas da nossa milícia não são carnis, mas sim espirituais, e o cristão que se serve de armas carnis mostra sem dúvida que não aprecia o caráter do verdadeiro crente. Não pode ter apreciado com inteligência espiritual o caminho do seu Senhor, ou compreendido o sentido das suas palavras: "*O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo pelejariam os meus servos*".

(Ser salvo e ter a vida eterna e nem ao menos estar disposto a sofrer nesta vida, não é verdadeira fé. É preciso mostrar um mínimo de amor a Deus, e por isto Deus permite que os cristãos sofram como os demais e algumas vezes até mais do que os ímpios.)

A igreja militante é uma igreja que sofre, mas se empregar as armas carnis, deixa na verdade de combater.

No ousado e santo Estevão temos um exemplo do verdadeiro crente militante. Foi ele o primeiro mártir cristão. E que grande vitória ele ganhou para a causa de Cristo quando morreu pedindo ao Senhor pelos seus perseguidores! Davi, séculos antes da era cristã, disse: "O justo se alegrará quando vir à vingança: lavará os seus pés no sangue do ímpio", porém Estevão, que viveu na época cristã, orou: "Senhor, não lhes imputes este pecado". Isto foi um exemplo da verdadeira milícia cristã.

A primeira onda da perseguição geral que veio sobre a igreja fez-se sentir no ano 64, no reinado do imperador Nero, que tinha governado já com certa tolerância durante nove anos.

Neste tempo, o assassinato de sua mãe, e a sua indiferença brutal depois de ter praticado aquele crime tão monstruoso, mostrou claramente a sua natural disposição, e indicou ao povo aquilo que havia de esperar dele. Desgraçadamente, as tristes apreensões que muitos tinham a seu respeito tornaram-se negra realidade.

ROMA INCENDIADA

Uma noite no mês de julho, no ano acima citado, os habitantes de Roma foram despertados do sono pelo grito de "Fogo!" Esta terrível palavra fez-se ouvir simultaneamente em diversas partes da cidade, e dentro de poucas horas a majestosa capital ficou envolvida em chamas. A grande arena situada entre os montes Palatino e Aventino, onde cabiam 150.000 pessoas, em pouco tempo estava ardendo, assim como a maior parte dos edifícios públicos, os monumentos, e casas particulares.

O fogo continuou por espaço de nove dias, e Nero, por cujas ordens se tinha praticado este ato tão monstruoso, presenciou a cena da torre de Mecenas, onde manifestou o prazer que teve em ver a beleza do espetáculo, e, vestido como um ator, acompanhando-se

com a música da sua lira, cantou o incêndio da antiga Tróia!

O grande ódio que lhe votaram em consequência deste ato, envergonhou-o e tornou-o receoso; e com a atividade que lhe deu a sua consciência desassossegada, logo achou o meio de se livrar dessa situação. O rápido desenvolvimento do cristianismo já tinha levantado muitos inimigos contra essa nova doutrina. Muita gente havia em Roma que estava interessada na sua supressão - por isso não podia haver nada mais oportuno, e ao mesmo tempo mais simples para Nero, do que lançar a culpa do crime sobre os inofensivos cristãos.

Tácito, um historiador pagão, que não era de modo algum favorável ao cristianismo, fala da conduta de Nero da seguinte maneira:

"Nem os seus esforços, nem a sua generosidade para com o povo, nem as suas ofertas aos deuses, podiam pagar a infame acusação que pesava sobre ele de ter ordenado que se lançasse fogo à cidade. Portanto, para pôr termo a este boato, culpou do crime, e infligiu os mais cruéis castigos, a uns homens... a quem o vulgo chamava cristãos", e acrescenta: "quem lhes deu esse

nome foi Cristo, a quem Pôncio Pilatos, procurador do imperador Tibério, deu a morte durante o reinado deste.

"Esta superstição perniciosa, assim reprimida por algum tempo, rebentou de novo, e espalhou-se não só pela Judéia, onde o mal começara, mas também por Roma, para onde tudo quanto é mau na terra se encaminha e é praticado. Alguns que confessaram pertencer a essa seita foram os primeiros a ser presos; e em seguida, por informações destes prenderam mais uma grande multidão de pessoas, culpando-as, não tanto do crime de terem queimado Roma, mas de odiarem o gênero humano".

(O império Romano lançou uma campanha difamatória de tal poder que os cristãos foram considerados inimigos da humanidade. Hoje no século XXI temos visto a Esquerda política no mundo inteiro acusando os cristãos de serem preconceituosos.)

É quase escusado dizer que os cristãos não nutriam ódio algum pela humanidade, mas sim pela terrível idolatria que prevalecia em todo o Império Romano; e só por este motivo eram considerados como inimigos da raça humana.